



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS - LICENCIATURA

O POVO KAINGANG E A DINÂMICA DE SUA CULTURA ALIMENTAR: UM
ESTUDO NA TERRA INDÍGENA DE RIO DAS COBRAS-PR

INDIOMAR JOSE WOLLINGER FURTADO

LARANJEIRAS DO SUL
2019

INDIOMAR JOSE WOLLINGER FURTADO

O POVO KAINGANG E A DINÂMICA DE SUA CULTURA ALIMENTAR: UM ESTUDO NA TERRA INDÍGENA DE RIO DAS COBRAS-PR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Marcon

LARANJEIRAS DO SUL

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Furtado, Indiomar José Wollinger
O POVO KAINGANG E A DINÂMICA DE SUA CULTURA
ALIMENTAR:: UM ESTUDO NA TERRA INDÍGENA DE RIO DAS
COBRAS-PR / Indiomar José Wollinger Furtado. -- 2019.
49 f.:il.

Orientadora: Dra Fernanda Marcon

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Sociais e
Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2019.

1. T.I. 2. Rio das Cobras. 3. Cultura alimentar. 4.
Kaingang. I. , Fernanda Marcon, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.


INDIOMAR JOSE WOLLINGER FURTADO

"O POVO KAINGANG E A DINÂMICA DE SUA CULTURA ALIMENTAR: UM ESTUDO NA TERRA INDÍGENA DE RIO DAS COBRAS-PR"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado(a).


Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 02/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA MARCON**
Data: 22/03/2024 15:06:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Fernanda Marcon (UFFS)

Presidente / Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA MARCON**
Data: 22/03/2024 15:08:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Paola Andrade Gibram (USP)

Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA MARCON**
Data: 22/03/2024 15:09:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Cristiano Augusto Durat (UFFS)

Avaliador

Dedico este trabalho a minha companheira
Jaxuka, e aos meus filhotes Fósi, kynĩn e kusã

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, meu pai José Amadeu Furtado, à minha falecida mãe, Eloir Ribeiro Wollinger, que contribuiu para minha formação; à minha mãe Maria Bandeira que tem me ensinado muito nos últimos tempos, às minhas irmãs e aos meus irmãos que sempre me incentivaram, e o povos indígenas, aos Kaingang, por apoiarem minha jornada na universidade. A eles também dedico este trabalho e a todos aqueles que lutam contra toda forma de opressão e não se calam diante das imposições e injustiças que nos aflige.

Agradeço também aos meus parentes Kaingang que me concederam as entrevistas e muito me ajudaram e sempre estão a me ensinar sobre a forma de vida Kanhgág. À minha mãe Maria Bandeira a minha prima Julia Bandeira, à minha tia Zeferina kóřĩn kág, a meu tio Valério Pã'í de Freitas, à tia Ana Maria Mathias, Erondi Sórãg Bernardo, meus primos Adailton Fójin de Freitas, Lucas Vãnkóg Tavares, Angelo krigtánh Bandeira e Augusto Felix Bandeira, Florêncio rékág Fernandes pela revisão da tradução do resumo na grafia Kaingang, Serginho Kuita que desde muito tempo conversamos e tem me ensinado muito, contribuindo bastante para minha formação, e a todos meus amigos e amigas que fazem parte da minha caminhada.

Agradeço também à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – *campus* Laranjeiras do Sul-PR), a meus professores e professoras, aos servidores técnicos da universidade e aos funcionários do Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO), pelo acolhimento e estadia durante o curso em alternância. Agradeço minha orientadora, prof. Dra. Fernanda Marcon, pelo acompanhamento neste trabalho e por todo apoio para que ele fosse concluído.

RESUMO

Ao estudarmos a historiografia dominante, temos a clareza de que os povos indígenas no Brasil foram excluídos dos processos de ocupação territorial e muitas vezes sofreram imposições em seus costumes e modo de vida. O colonizador europeu, colocando sua cultura acima de todas, promoveu a exclusão e expulsão das populações nativas de seus territórios tradicionais. Com o presente trabalho, buscamos compreender como se deram as mudanças na cultura alimentar do povo Kaingang da Terra Indígena Rio das Cobras, localizada no município de Nova Laranjeiras-PR. O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa de campo com observação participante, entrevistas semiestruturadas e abertas com famílias de diferentes localidades da Terra Indígena Rio das Cobras no ano de 2019. Concluiu-se que apesar da imposição de outros alimentos e crescente transformação dos hábitos alimentares do povo Kaingang, a comida representa ainda uma forma de resistência para esse povo indígena.

Palavras-chave: T.I. Rio das Cobras. Cultura alimentar. Kaingang.

ABSTRACT

By studying the dominant historiography, it's clear that indigenous peoples in Brazil were excluded from the processes of territorial occupation and often suffered impositions in their customs and his way of life. The European colonizer, placing his culture above all, promoted the exclusion and expulsion of native populations from their traditional territories. With the present work, we seek to understand how the changes in the food culture of the Kaingang people of the Rio das Cobras Indigenous Territory, located in the municipality of Nova Laranjeiras-PR. The work was developed through field research with participant observation, semi-structured and open interviews with families from different locations of the Rio das Cobras Indigenous Land in 2019. It was concluded that despite the imposition of other foods and the growing transformation of the eating habits of the Kaingang people, food is still a form of resistance for these indigenous people.

Key words: T.I. Rio das Cobras. Alimentar culture. Kaingang.

SIN KÝ TO KAMÉN

Ěg tý nén ů ki kanhrãn ký uri, hãra kanhgág ag kar ag tóg ki kanhró nýtí ěg ga mág tý Mrasil ta ki ag ki kãgtíg e ja ěn tugrín ke ja věg tí ken jě ag tóg jagtar mág han ãjag ga tugrín kara ag jykre mré ag rãnrãj ki gé. Fóg tý ěmã ů tá kãmũ ag tóg, ãjag jykre tý ů ag tãgfyn ja nĩ ů ag jykre ki, ag tý tũ e sór mũ kara ag ga kri ag pétẽm han ja nĩ gé ag ga si ěn kri ěmã ra. Isỹ rãnrãj ta ki, isóg nén tý venhmỹn ja ěg jẽn kãki ga tý Goj Ki Pỹn tá, fóg ag ga rã tý Nova Laranjeiras-Pr tá. Inh rãnrãj tag vỹ ag mré ag ga to vẽmẽn mág han ký nĩ kanhgág ag ga tý Goj Ki Pỹn tá prỹg tý 2019 kãki. Kara isóg sir krỹg ký ag tý fóg ag jẽn ko tí to kãmẽn ke mũ kara nén tý hẽnrike ěn ag jẽn kãmĩ to kamẽn ke mũ gé, ken jé kanhgág ag jẽn vỹ ag tý ãjag jykre tý tar e han tí.

To jykrẽn ke: ga tý Goj Ki Pỹn, ěg jẽn to jykre, kanhgág ag.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa	1.....	12
Mapa	2.....	16
Tabela	1.....	17
Mapa	3.....	19
Fotografia	1.....	23
Fotografia	2.....	23
Tabela	2.....	26
Fotografia	3.....	30
Fotografia	4.....	34

LISTA DE SIGLAS

APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
T.I	Terra Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O POVO KAINGANG: COLONIZAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO.....	11
1.1 O POVO KAINGANG E A OCUPAÇÃO DO PARANÁ.....	13
1.2 O POVO KAINGANG DA T.I RIO DAS COBRAS.....	17
1.3 DAS IMPOSIÇÕES À CRIMINALIZAÇÃO CULTURAL.....	21
2. TRANSFORMAÇÕES NOS HÁBITOS ALIMENTARES DO POVO KAINGANG.....	25
2.1 FORMAS DE ALIMENTAÇÃO E MANEJO AGROFLORESTAL.....	26
2.2 SEMENTES TRADICIONAIS E FORMAS DE COLETA.....	31
2.3 “ALIMENTO” ENTRE OS KAINGANG.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho foi desenvolvido junto ao povo indígena Kaingang da Terra Indígena Rio das Cobras, que se situa no município de Nova Laranjeiras-PR. Busca-se compreender como a cultura alimentar Kaingang se mantém nos dias de hoje, após vários séculos de contato e imposições sofridas pela cultura hegemônica, no sentido de incluir os diferentes povos em seu projeto civilizador.

Por muito tempo o povo Kaingang viveu nos campos e matas de Araucária, território que se estende desde São Paulo até o Rio Grande do Sul. Sua alimentação se baseava em torno da coleta, caça e pesca, mas principalmente a coleta. Também sempre produziram algumas culturas agrícolas, porém não sendo muito variadas.

Com a crescente proximidade com centros urbanos e com a indústria de alimentos e supermercados, podemos nos perguntar: o povo Kaingang da T.I. Rio das Cobras perdeu sua soberania alimentar? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é identificar como a cultura alimentar do povo Kaingang se transformou ao longo do contato com os não indígenas e como esta resiste, durante vários séculos de imposições e opressões.

No primeiro capítulo, buscamos compreender como se dá o encontro da cultura indígena e não-indígena e imposições sofridas através das ações do Estado a fim de intervir na organização política, econômica, social e religiosa dos povos indígenas. As imposições do Estado trouxeram graves consequências para a cultura dos povos indígenas.

No segundo capítulo, tentamos demonstrar as transformações ocorridas na cultura alimentar do Povo Kaingang da T.I. Rio das Cobras. O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa de campo com observação participante, entrevistas semiestruturadas e abertas com famílias de diferentes localidades da T.I. Rio das Cobras durante o ano de 2019. Além disso, foi realizada revisão de literatura a respeito da alimentação indígena e Kaingang.

1 O POVO KAINGANG: COLONIZAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO

Dentro da classificação linguística, o povo Kaingang faz parte do tronco lingüístico Macro Jê e da família Jê, constituindo o grupo indígena mais numeroso desta família. Considera-se que eles sejam descendentes de outros grupos indígenas que vieram do Brasil central (estudos realizados por antropólogos, arqueólogos e historiadores buscam justificar isso). Os diversos grupos Kaingang dividiam-se em grupos de 80 a 150 indivíduos, reunindo-se em caso de festas, guerras de disputas ou defesa do território. Foram fonte de vários estudos e alguns autores se referem a eles como sendo os “Jês meridionais”, divididos em dois ramos: os Kaingang e os Laklãno (Xoclung), como demonstra Francisco 2013:

As populações designadas Jê são conhecidas como povos politicamente autônomos, que expressam um mesmo horizonte cultural, falantes de línguas filiadas ao tronco linguístico Macro-Jê. Os nativos habitantes do Planalto Meridional são os Jês meridionais, os quais se subdividem em dois ramos principais – os kaingáng e os xoklung – falantes de diversos dialetos. Atualmente, os kaingáng expressam-se através de cinco dialetos entre São Paulo e o Rio Grande do Sul (FRANCISCO, 2013: 13).

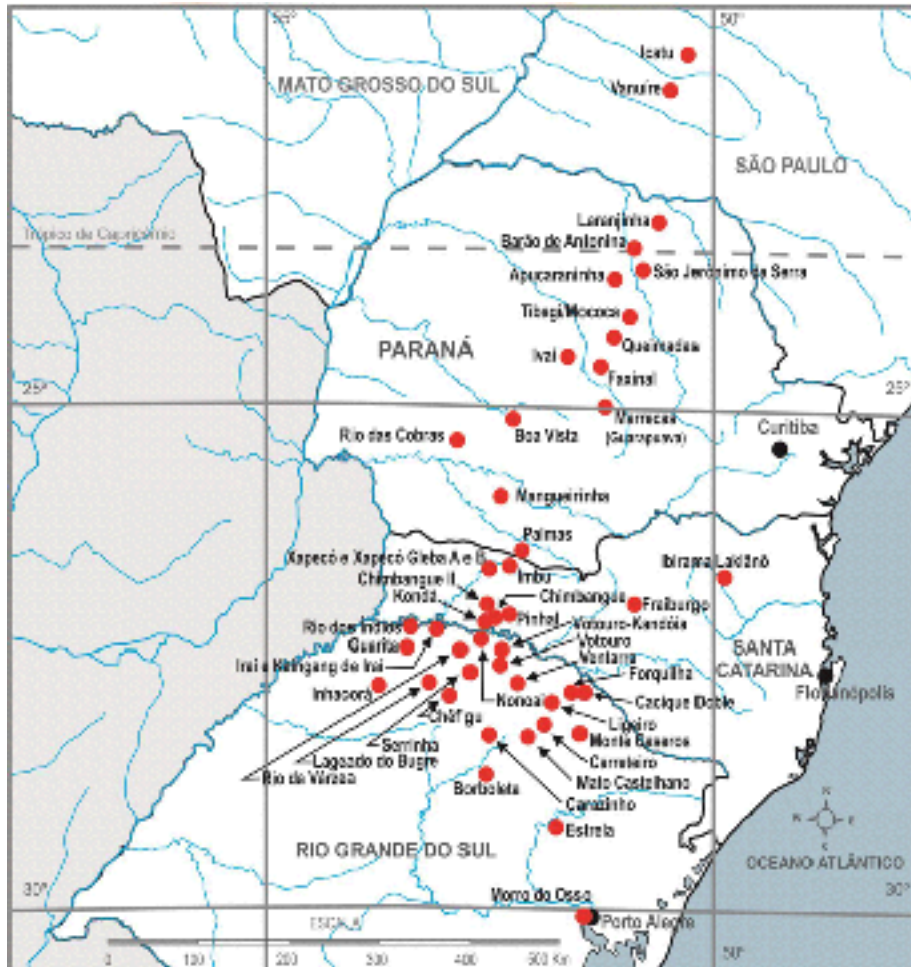
O povo Kaingang encontra-se distribuído desde o noroeste de São Paulo até a fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina. No passado, se estendiam até a província de Misiones, na Argentina. Sob o governo da província de Corrientes, havia um território Kaingang contíguo ao *kavaru koia*, terra indígena localizada ao extremo oeste de Santa Catarina (FRANCISCO, 2013). Wiesemann (2002), apresenta-os divididos por dialetos nas várias regiões que os mesmos se encontram, tais como:

- O dialeto de **São Paulo**, falado ao norte do rio Paranapanema, no estado de São Paulo;
- O dialeto do **Paraná**, falado na área compreendida entre rios Paranapanema e Iguazu;
- O dialeto **Central**, falado na área entre rios Iguazu e Uruguai;
- O dialeto **Sudoeste**, falado ao sul do rio Uruguai e a oeste do rio Passo Fundo;
- O dialeto **Sudeste**, falado ao sul do rio Uruguai e ao leste do rio Passo Fundo (WIESEMANN, 2002: 8)

No mapa abaixo podemos observar as terras indígenas Kaingang e as regiões onde cada uma se encontra. Na atualidade, outras terras indígenas Kaingang foram

reconhecidas no Paraná, a partir de laudos antropológicos e lutas travadas pelo movimento indígena.

Mapa 1: Mapa das Terras Indígenas Kaingang



Fonte: Elaborado por Carina S. de Almeida a partir da localização das Terras Indígenas Kaingang no Brasil da FUNAI e IBGE (2007) e do ISA (2014). Acervo LABHIN/UFSC, 2013

São divididos culturalmente em dois grupos distintos, esses sendo: Kamé e Kanhrú ou Kairu, irmãos gêmeos a partir dos quais surge o mito de origem onde são entendidos como a própria natureza, que se divide em duas metades que se complementam (MOTTA, 1994). Isso se apresenta na cultura com a pintura corporal e nos traços utilizados no artesanato, com o círculo ou “marca fechada” simbolizando o grupo Kanhrú e o traçado ou “marca aberta” o símbolo Kamé. Como descreve Mota (2016):

O sol é Kamé e a Lua é Kairu, o pinheiro é Kamé e o cedro é Kairu, o lagarto é Kamé e o macaco é Kairu, e assim por diante. A expressão sociológica mais forte desta concepção dualista é o princípio da exogamia entre as metades. Apesar dessas vinculações e permanências entendemos que os Kaingang e os Xokleng não vieram “prontos” do Brasil Central, mas ao se

relacionarem com novos ambientes e com seus novos vizinhos implementaram mudanças em seus marcadores socioculturais (MOTA, 2016 :136).

Sobre a divisão em duas metades exogâmicas, há outros relatos, como o do velho Kaingang chamado “Xê”, filho do conhecido cacique Krĩ Tãn (também chamado Kretã ou Cretã), que habitava as campinas entre Chopim e baixo-Iguaçu (atual T.I Mangueirinha-PR), “cuja memória se perpetua na denominação “Campina do Cretã””, segundo Schaden (1953). O relato foi concedido ao antropólogo Egon Schaden no sertão paranaense no ano de 1947, onde figura a subdivisão em cada grupo como *kamé- vоторo* e *kanhru- vénhiky*:

Os Kaingang dividem-se em duas metades exógamas e patrilineares, os Kanherú e os Kamé. Os que pertencem a uma das metades se consideram irmãos ("lenglê") e chamam de cunhados ("iambrê") aos da outra. Aos Kanherú liga-se a subdivisão dos Votôro e aos Kamé a dos Venhiky. Toda a organização social dos Kaingáng se baseia no dualismo Kanherú-Kamé, que marca também profundamente a vida religiosa e a mitologia da tribo (SCHADEN, 1953: 139).

Os Kaingang foram considerados seminômades¹ por deslocarem-se em um mesmo território e se fixarem por alguns períodos do ano, nas estações mais propensas para a realização de tarefas como a caça, coleta e agricultura itinerante (roças de tipo pousio), como analisa Furtado (2016). Para esta roça é aberta uma picada - atualmente feita com foices, mas antes do contato com o mesmo varapau utilizado nas batalhas - e algum tempo depois atea-se fogo. Os Proto-Jê são considerados seus ascendentes, sendo possível assinalar sua importância na dispersão da *Araucária angustifólia*, que até tempos atrás era de importância central na cultura Kaingang, que se utilizava das sementes e da madeira, tanto para a construção de casas e outros objetos, como durante o ritual do *kiki ko* (ver adiante).

1.1 O POVO KAINGANG E A OCUPAÇÃO DO PARANÁ

O povo Kaingang se mantém resistente em sua cultura milenar, mesmo após ter sofrido muitas imposições, por parte do Estado. Apesar da forma de subsistência ter se modificado, muitos traços da cultura alimentar permanecem, a exemplo do pinhão, que esteve na raiz da cultura desse povo e com o tempo se tornou escasso.

¹ Porém, estudos mais atuais apontam para os Kaingang, como agricultores fixos em determinados lugares no sul, com a presença de casas subterrâneas e variadas fontes de estudos arqueológicos.

No Paraná, a implantação de serrarias com o corte dos pinheiros (*araucaria angustifolia*) foi uma forma que o antigo SPI² achou para lucrar com as Terras Indígenas antes e durante a ditadura Civil-Militar no Brasil. Esse processo se deu em vários lugares do sul do Brasil. Referindo-se a uma Terra Indígena no Rio Grande do Sul, Fernandes e Piovezana (2015: 118) descrevem: “A instalação de serrarias nas terras indígenas Kaingang foi acompanhada da implantação do ‘regime do painelão’ - impedidos de trabalhar em suas roças domésticas”. Percebe-se que além de desterritorializar as populações indígenas, o SPI buscava impor regras para que a cultura originária desses sujeitos não se mantivesse, buscando acabar com a fonte de alimentação que vinha também dos pinheirais e do plantio de subsistência realizado pelo grupo familiar. Em outro trecho, Fernandes e Piovezana explicam:

Ao longo do século XX, a colonização ganhou força e transformou o oeste catarinense em uma região de intensa produção agropecuária. As matas que cobriam a região foram transformadas em recurso florestal. A riqueza e diversidade ambiental deram lugar à produção econômica em grande escala. A partir dos anos cinquenta as TI's Kaingang se constituíram nas últimas porções de florestas ainda não exploradas. (FERNANDES E PIOVEZANA, 2015: 118)

Com o crescente desenvolvimento do sistema capitalista e a exploração dos recursos naturais, as TI's sofrem degradação cada vez mais contínua. O aparato estatal de repressão entra em cena para frear os indígenas que se colocam contra isso. Esse processo se intensifica no Paraná a partir da década de 1940, com o governo de Moisés Lupion, que dá início a uma reforma agrária que irá atender à classe dominante no estado. Se coloca em curso um processo de venda dos territórios indígenas para empresas colonizadoras e madeireiras. Muitas terras indígenas começam a ser repartidas, e a repressão às culturas indígenas se torna ainda mais forte. Como descrevem Fernandes e Piovezana:

A partir da década de quarenta do século XX, com a instalação dos postos indígenas no interior das terras indígenas Kaingang, houve uma constante repressão à realização do *Kiki*. Com isso, não apenas as beberagens, que marcam a etapa final do ritual, foram combatidas, mas, sobretudo, o poder organizador da tradição indígena foi desarticulado (FERNANDES E PIOVEZANA, 2015: 122).

² SPI- O Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN, a partir de 1918 apenas **SPI**) foi criado em 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional (Oliveira, 1947)

No Paraná, os vários grupos do povo Kaingang sofreram diversas investidas dos chamados *pedestres*³ a partir do século XVIII e início do século XIX. Os campos de *Koron-bang-rê* - do qual se tem relatos como sendo o atual município de Guarapuava (Mota, 1994) - com a constituição das capitânicas hereditárias, passa a pertencer à capitania de São Vicente ou 5ª comarca de São Paulo, que mais tarde se tornaria província do Paraná. Mas a ocupação se estende para outros territórios mais ao sul, nos campos de Palmas, assim sucessivamente atingindo os quatro cantos do Paraná e dando continuidade à expulsão dos vários grupos do povo Kaingang de seus territórios, estes compostos de campos e matas de Araucária, propícios para o desenvolvimento da pecuária.

Após a expulsão do povo Kaingang e a construção do fortim Atalaia no *koran-bang-rê* - que com o passar do tempo é destruído pela resistência indígena e de outros grupos vindos dos *sertões* – tem origem o vilarejo de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava. De acordo com o Arquivo Público do Paraná (2009):

Em 1810, com a conquista de Guarapuava por Diogo Pinto, e em 1819, com a fundação da Vila de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava, o antigo forte de Atalaia, no rio Coutinho, transformou-se no primeiro *aldeamento* no Paraná destinado a nuclear os índios caingangues sob a orientação do Padre Francisco das Chagas Lima, aldeamento que, entretanto, foi destruído pelo ataque de facções caingangues contrárias ao cacique Luiz Tigre Gacon, em 1825 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2009: 19).

O novo território conquistado pelo império, primeiramente é ocupado por pessoas ligadas a sociedade envolvente, que desenvolviam certos tipos de trabalho necessário na época, para se instalar uma *freguesia*⁴ e por *homens de ínfima plebe*, conforme Pontarolo (2010). *Degredados* de origem portuguesa, pessoas que foram julgadas por roubos, assassinatos, considerados fora da lei. Povoar era o lema, independente das circunstâncias, muitas vezes não por necessidades coletivas, mas individuais, de quem vinha atrás de riquezas exóticas, mas tomá-lo como um território da coroa portuguesa, assim como fala Mota:

[...] povoar os territórios do interior do sul do país que estão *infestados de índios*. Medida esta que não foi possível nos anos de 1770 devido aguerrida resistência Kaingang, rechaçando as expedições militares de Botelho. Mas agora, em 1809, quarenta anos após as malogradas tentativas das expedições dos anos 70

³ Espécie de segurança imperial, composto por membros do império, isso antes da criação do exército imperial.

⁴ Freguesia- povoamento ou menor divisão administrativa no antigo império português.

do século XVIII, o império está disposto a conquistar os territórios Kaingang (MOTA, 1994 p. 77).

Povoar no sentido de “colonizar culturalmente”, porque até então os povos indígenas não eram considerados seres humanos, um modo de desconsiderar a existência dos vários povos indígenas que habitavam a região, criando assim, o mito do “vazio demográfico” que exclui a existência de outros povos, que não são de origem europeia. O projeto imperial de ocupar e povoar os campos de Guarapuava, com o passar do tempo se estende a outros territórios:

Em menos de vinte anos, os campos de Guarapuava tinham se transformado em fazendas de criação de gado, não havendo mais espaço para novos estabelecimentos. Tem início então a expansão da frente pastoril para os campos de Palmas habitados por outros grupos Kaingang e por aqueles que tinham abandonado os campos de Guarapuava (MOTA, 1994: 78).

No passado, o povo Kaingang habitava as várias regiões de planalto ou mais conhecidas como: os campos de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que iam do sudeste ao sul do país. Nesse sentido, os Kaingang foram sendo cada vez mais empurrados para regiões com o relevo mais acidentado, estes compostos por morros e vales. No Mapa 2 podemos observar um desenho feito por Elliot em 1864 com os territórios originários do povo Kaingang no Paraná. Em seguida, a Tabela 1 demonstra os nomes de rios e territórios do mapa desenhado por Elliot.

Mapa 2: Mapa dos campos e territórios do povo Kaingang no Paraná.



Mapa 2: Mapa dos campos e territórios do povo Kaingang no Paraná.

Fonte: Mota (1994:138).

Tabela 1- Numeração correspondente às regiões do mapa dos territórios Kaingang de acordo com Borba (1908)

Nominação Kaingang para seus os territórios no século XIX		
Área	Denominação Kaingang	Denominação portuguesa
1	?	Campos Gerais
2	Karaburgé*	Campos de Guarapuava
3	Kesieburgé*	Campos de Palmas
4	Xaxoré*	Campos de Xaxerê
5	Kimporé*	Campo Frê
6	Kavimokoya**	São Pedro das Missões - Argentina
7	Palykeré***	Paicure e/ou Campos do Mourão
8	Min-krin-ia-re*	Campos de Chagu, hoje Laranjeiras do Sul
9	Inho-há****	São Jerônimo
10	?	Hoje região de Rolândia Arapongas

Fonte: Mota (1994:139)

A partir do mapa podemos ter a clareza da ocupação do povo Kaingang no território que mais tarde veio a formar o Território Del Guairá. Na década de 50 do século XVIII se forma a Província do Paraná, isso tudo após a expulsão e extermínio dos povos indígenas que habitavam esse imenso território, banhado por grandes rios e arroios, cada um desses com uma denominação própria, na língua indígena, que depois foram renomeados na língua portuguesa a fim de apagar a história dos povos indígenas, os primeiros habitantes do Brasil e do continente hoje denominado de Américas.

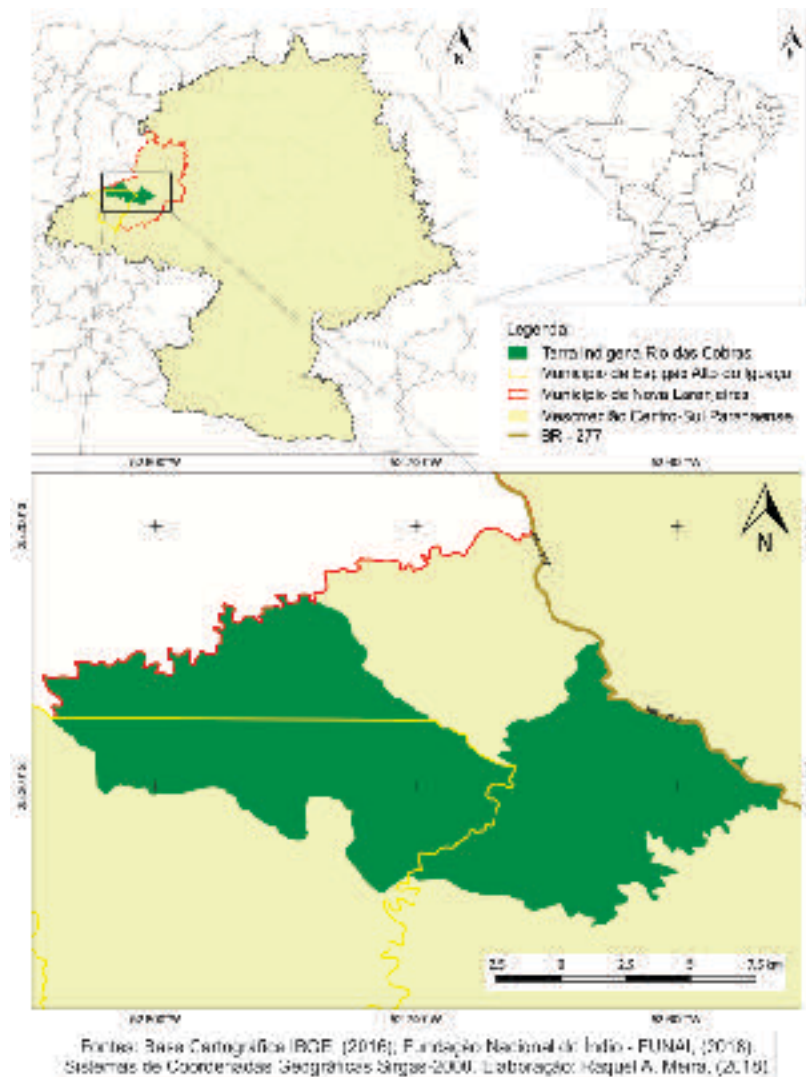
1.2 O POVO KAINGANG DA T.I RIO DAS COBRAS

A T.I Rio das Cobras se localiza à esquerda da rodovia federal BR-277 sentido Foz do Iguaçu, no município de Nova Laranjeiras-PR. O povo Kaingang se encontra na região desde o final do século XIX e foi cada vez mais se afastando da frente colonizadora, deixando de habitar os campos, seus territórios originários, para manter distância, e evitando o contato com o não índio, a não ser através da autodefesa sob a ameaça de invasão do seu território. O primeiro decreto de demarcação dessa terra indígena é do ano de 1882, ainda no Brasil imperial. Essa demarcação foi feita para o grupo do cacique lãmbre, vindo provavelmente do antigo aldeamento do Chagu, extinto em 1962, por não cumprir com o seu projeto de atração dos indígenas que habitavam a região, denominado por eles de Min-krin-ia-re:

[...] o aviso imperial de 21 de outubro de 1858 criou o aldeamento na localidade indicada, a oeste de Guarapuava. A colônia foi instalada em 1859 sob a autoridade de Rocha Loures, tendo sido seu diretor Joaquim Antônio de Moraes Dutra. No entanto, a relutância do grupo indígena comandado pelo líder Kaingang, estabelecido em Palmas, na transferência para Chagu, distante cerca de 150 Km de Guarapuava e muito próximo dos territórios dos grupos Kaingang hostis, levou à extinção da nova colônia, em 23 de janeiro de 1862. (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2007: 17-18).

O aldeamento e colônia militar *Chagu*, (assim como as reduções jesuíticas que os protegiam da escravidão, mas os colocavam na servidão e os tornavam dependentes de outros aldeamentos implantados no Brasil), foi criado, segundo seus responsáveis, para proteger os habitantes das regiões a serem ocupadas pela Coroa de possíveis ataques dos grupos indígenas “arredios”, aldear os indígenas e fazer a transferência do grupo indígena comandado por Viri e Condá, que habitavam os campos de Palmas, além da atração do grupo de lambré, últimos grupos que demonstravam resistência ao contato com o colonizador. No entanto, tal colônia teve pouco tempo de existência por apresentar um custo além do programado, “sendo extinta no dia 23 de janeiro de 1862” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2007). Mas, como bem se sabe, o intuito de aldear os povos indígenas era um só: a limpeza étnica do território por eles ocupado.

Mapa 3: Mapa da localização T.I Rio das Cobras.



Fonte: Finatto (2018).

Se nos séculos XVIII e XIX os povos indígenas no Paraná sofreram com a “guerra justa” e com as perseguições por parte da Coroa e dos bandeirantes, no século XX, a partir da década de 1930, entra em cena um projeto desenvolvimentista voltado à ocupação territorial.

Na década de 1940 com Moisés Lupion a frente do governo do Paraná, desenrolam-se muitas disputas em torno das “reservas” indígenas, (como também são conhecidos os aldeamentos indígenas, por se tratar de porções de terras, reservadas para os povos indígenas) começam a ser desmembradas, a fim de realizar uma “reforma agrária”, mas esta, sendo direcionada para madeireiras, fazendeiros e empresas colonizadoras, como já apontado. Os contratos de terras feitos no passado com as antigas lideranças Kaingang, em troca de mão de obra

para abertura de picadas e estradas, são doadas a grandes empresas, assim como descreve Tomasino:

Pelos relatos em diferentes fontes escritas podemos tomar a década de 1930/40 como limite entre o tempo passado/*vãsy* e o tempo atual/*uri* dos Kaingang. É nesse decênio que eles perderam a maior parte de suas terras, ao mesmo tempo em que o desmatamento foi acelerando, dando lugar a fazendas de café e gado e dezenas de cidades foram criadas em todo o interior dos estados do sul (TOMASINO, 2008: 22).

De acordo com o site “Terras Indígenas.Org” (acesso em 11/11/2018), os dados relativos a 2014 mostram que vivem atualmente na T.I. Rio das Cobras cerca de 3.250 pessoas, compreendidas entre as etnias Guarani, Guarani-Mbyá e Kaingang. A área total da T.I é de 19 mil hectares e sua homologação foi realizada pelo Decreto 290 de 30/10/1991.

A T.I Rio das Cobras sofreu modificações em sua área demarcada em 1901, diminuindo em dezenas de hectares. Em 1949 ocorre uma reestruturação e parte da terra indígena é entregue a empresas colonizadoras. Na década de 1970 lutas pela terra envolvem os grupos Kaingang e Guarani, com a expulsão de posseiros que vinham adentrando a terra indígena e tomando-a como propriedade individual. Seu interesse estava em explorar a madeira do Pinheiro (*araucária angustifolia*), e outras madeiras de alto valor no mercado. Um movimento de grande intensidade reunindo o povo Guarani M’Bya da terra indígena e vários grupos Kaingang de diferentes regiões do Paraná e de outros estados, como Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

No atual território se encontram famílias Kaingang e Guarani. Nos utilizando de dados do Posto de Saúde Indígena e SESAI, são divididos em 9 *Emã* (forma de ocupação Kaingang) e 2 *Tekoha* (forma de ocupação M’Bya Guarani). As línguas maternas faladas são três: duas da matriz Tupi (Guarani M’Bya e Nhandeva) e o Kaingang, do tronco linguístico Macro Jê.

O conhecimento tradicional é preservado e mantido pelos descendentes, mesmo havendo algumas mudanças no modo de vida tradicional após o contato com o não indígena. Na cultura material, as cestarias, chapéus, tuias, chocalhos, arco e flecha dão vida com suas variadas cores na beira da BR 277. Elas se apresentam como um modo de fortalecer a cultura a partir da venda do artesanato.

A agricultura de subsistência (roça itinerante) e coleta de frutas e palmitos, a pesca com armadilhas e caça de animais também ocorrem na T.I. Na cultura imaterial, as formas de organização interna através do cacicado, nas comunidades,

a cultura do paiol, ou *wáre*, como é chamado, e construído em um ponto na mata, perto do roçado, e preferencialmente perto de um córrego, a língua e o *Kuyã*.

1.3 DAS IMPOSIÇÕES À CRIMINALIZAÇÃO CULTURAL

Ao longo da colonização do Brasil, a coroa portuguesa, através de seus representantes, enviou esquadras, caravelas, navios de guerra carregados com escravos, degredados, animais, produtos variados, bugigangas, tomando como seu o continente que já era habitado por milhares de povos indígenas. Após alguns contatos amistosos, dá-se início à “colonização” portuguesa, a fim de se constituir um povo homogêneo, de cultura “civilizada”. Imposições são feitas a vários povos, mas muitos resistem, e com isso começam as perseguições e as guerras contra esses povos, considerados bárbaros. Como descreve Ribeiro (1994):

[...] É preciso reconhecer nesses tempos, e sobretudo na trama das, origens dessa América emergente, que se existe um termo perfeito para definir a conquista - este ciclo inicial de contato entre civilizações, culturas e raças que rompe na América - , a palavra que sai como grito da memória indígena e mestiça, desgraçadamente, é genocídio (RIBEIRO, 1994:19).

Em algumas terras indígenas as imposições sofridas durante várias décadas ou durante séculos desde os tempos dos primeiros aldeamentos, trouxe consequências graves para seu modo de vida. A igreja e o Estado com sua burocracia, contribuíram decisivamente nesse processo:

A ação da igreja – etnocêntrica, preconceituosa e arianista - acompanhou, com algumas importantes exceções – como foi o caso do Bartolomeu de Las Casas -, o vandalismo dos representantes da coroa. Os aventureiros dela obtinham o direito legítimo ao saque e por ela eram seduzidos com a lenda do Eldorado [...] (RIBEIRO, 1994: 33).

A Igreja, como bem se sabe, teve o papel de organizar os indígenas dentro de aldeamentos e ensinar a religião católica, na tentativa de eliminar as tradições religiosas nativas. Já o Estado, atuou da mesma forma, implementando gradativamente novas formas de criminalização cultural. É o caso do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1911, que colocou à frente o Marechal Cândido Rondon, que buscava a “civilização” dos povos indígenas. Ao longo do tempo, o órgão tornou-se um símbolo de opressão e

dominação dos povos indígenas, principalmente através da liberação de terras através de contratos com empresas madeireiras e fazendeiros.

Com a extinção do SPI, tem origem um novo órgão estatal, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), criada em 1967. Um novo órgão, mas com princípios antigos, responsável pela educação indígena - essa que após algum tempo passa aos cuidados do Ministério da Educação -, demarcação de terras, saúde indígena, administração das terras indígenas etc. Em seu início, a FUNAI teve um papel igualmente repressivo e promoveu a perseguição dos indígenas mais velhos e a criminalização de seu modo de vida. Com relação aos Kaingang, ao longo de sua história de contato foram inúmeros os exemplos de transformação de seu modo de vida a partir das imposições e repressão governamental.

A despeito do *modus vivendi* e do *habitus social* Kaingang ser distinto do modelo de sociedade que procurava se pautar no progresso e desenvolvimento do Brasil neste início de século XX, as práticas para “civilização” e “integração” dos índios adotadas pelo SPI e, posteriormente pela FUNAI, assim como os mecanismos de controle social imputados pelos chefes de Posto, foram ameaçadores, coercitivos e, muitas vezes, agressivos e violentos, com a utilização de armas de fogo, instrumentos de punição e castigo, como o suplício no chamado “tronco”, ou mesmo com a criação da “polícia indígena” e da “cadeia” dentro das terras indígenas. (ALMEIDA & NÖTZOLD, 2013: 2).

Um exemplo é o ritual do *Kiki Ko*. Realizado entre os meses mais frios do ano, entre abril e junho. Quando um ente querido morria e não “descansava em paz” era realizado esse ritual, pela metade oposta, o grupo *kamé* realizava para o *kanhru* e vice e versa. O ritual tinha início com um mês de antecedência, na primeira noite era acesa uma fogueira, sendo entoados cânticos, acompanhados do *sig* (chocalho) e buzinas feitas de chifre e outras de taquara. Na segunda noite, duas fogueiras se acendiam. No dia seguinte, era realizada a confecção de um grande coxo escavado na madeira do pinheiro para deixar a bebida fermentar. A derrubada era acompanhada pelo *Kuyã*, xamã do povo Kaingang, que conversava com o espírito do pinheiro para tudo dar certo. Após os ingredientes serem todos misturados se fechava bem por um período para a fermentação ocorrer, e com a bebida no ponto, se acendia a terceira fogueira. Os visitantes de outras localidades começavam a chegar, mais ou menos um mês após o início. Na primeira noite, iniciavam-se as pinturas corporais de cada clã. No dia seguinte, todos os participantes iam para o cemitério, e na volta era aberto o *kõkénh* e o ritual seguia até acabar o fermentado.

Este ritual não se realiza mais na terra indígena na qual foi desenvolvido este trabalho por ser considerado um ritual “pagão”, criminalizado pelas igrejas presentes na TI. Atualmente podemos perceber como as imposições sofridas tempos atrás ainda fazem eco na cultura Kaingang, por exemplo quando um ancião é questionado o porquê da não realização do ritual. Normalmente o ancião responde: “quem realiza pode vir a falecer se algo der errado”.

Fotografia 1: Ritual do *Kiki Ko*. *Kuyã* fazendo pintura do grupo *Kanhru*



Fonte: Instituto Socioambiental

Fotografia 2 - indígena Kaingang com trajes ritualísticos. Nota-se o varapau, arma utilizada em batalhas, o tornozelo em volta com cipó de banana de mico ou *imbé* (kó).



Fonte: Arquivo Público do Paraná (2009 :1)

Se levarmos em comparação outros povos Jê, os Bororos por exemplo, trajes como na Fotografia 2 são confeccionados e utilizados pelos *Kuyã* (Xamãs), durante os rituais de iniciação ou festas de comemoração. Hoje não se utilizam mais os trajes de penas, o varapau e nem a proteção contra cobras. Outro exemplo se dá na pergunta sobre o *numbé*, um lugar abaixo da terra ou no centro da terra, mito de origem do povo Kaingang. Hoje quando se pergunta sobre ele, a resposta é que seria o “inferno”, assim como na religião católica.

A língua Kaingang já não é falada em algumas terras indígenas, ou apenas por poucas pessoas, entrando na lista de esquecimentos e transformações violentas das práticas culturais do povo Kaingang. Como descreve Tomasino:

[...] considerados “integrados” e “camponeses” em estudos de cunho sociológico desde os anos de 1960 até quase toda a década de 1980, os Kaingang e os Xocling foram estudados dentro do projeto “Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil” patrocinado pelo Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais. Esses estudos denunciaram as formas de conquista, dominação e exploração das sociedades indígenas pelo sistema capitalista, legitimado pelo Estado e suas políticas indigenistas. Essa corrente predominou nos estudos dos indígenas da região sul [...] (TOMASINO 2016:123).

As formas de integrar o povo Kaingang sempre foram muito opressivas e os Kaingang foram considerados muito aguerridos por defenderem seu território com unhas e dentes, literalmente. Há uma prática cultural de afiar os dentes, deixando-os pontiagudos. No caso de brigas, os mesmos se utilizam dos dentes como defesa na qual um ou outro saem com sinais de dentadas. Após vários séculos de contato e opressão, o povo Kaingang guarda consigo muito conhecimento. Obviamente que muita transformação ocorreu, mas a língua ainda está presente, sendo utilizada no dia-a-dia e aprendida desde antes dos primeiros passos serem dados. A língua materna é de muita importância para este povo, que muitas vezes durante o contato foram obrigados a falar somente língua portuguesa, até mesmo dentro das escolas nas várias terras indígenas, como é o caso da Terra Indígena de Rio da Cobras.

2 TRANSFORMAÇÕES NOS HÁBITOS ALIMENTARES DO POVO KAINGANG

A cultura Kaingang, que descende dos Proto-Jê, habita da região sudeste a sul do Brasil há mais de 3.000 anos. Exímios conhecedores de plantas do bioma Mata Atlântica e regiões de campos, que formam o relevo do sul do Brasil, os Kaingang têm esta região como território há muito tempo. Sua cultura alimentar historicamente foi baseada na coleta, caça, pesca e agricultura, e grande parte de sua alimentação ainda é baseada principalmente na coleta. Neste capítulo, buscaremos compreender alguns traços da cultura coletora do povo Kaingang e as transformações ocorridas após longo contato permanente com a sociedade nacional.

Nas décadas de 1930 a 1940 dá-se início à ocupação do oeste paranaense. Picadas foram sendo feitas no mesmo trajeto utilizado pelos indígenas para se locomoverem entre seus campos de caça. O território do povo Kaingang no qual foi realizado o presente trabalho se constituía de floresta e mata fechada, as quais disponibilizavam todo o alimento necessário, caça em abundância, muita pesca, variados tipos de plantas comestíveis etc. O contato com o não-indígena não era permanente, até mesmo funcionários do já extinto SPI mantinham contato casual. Mercados e vendas ficavam muito distantes, fazendo com que toda alimentação necessária fosse retirada da própria natureza. A partir dos anos 1950, no governo de Juscelino Kubistchek, o Brasil sofre um aceleração no desenvolvimento industrial. Produtos industrializados começam a ser ofertados em maior quantidade aos consumidores. Assim, o contato entre indígenas e não-indígenas se torna permanente. Soma-se a isso a mudança do órgão estatal, o SPI, para a FUNAI (a partir de 1964), que começa a trabalhar fortemente na Terras Indígenas, sendo que as áreas da saúde, educação, agricultura e alimentação; são o principal ponto de interferência. Fortes imposições acontecem a partir de então em todos os âmbitos, onde produtos industrializados começam a ser introduzidos e a dinâmica alimentar Kaingang se transforma rapidamente. Assim como fala Leonardo:

Quer se trate de hábitos alimentares, ou profissionais, de modos de comando. Se quisermos introduzir uma mudança, precisamos mudar os equilíbrios já estacionários no hábito, num sentido escolhido. Quando há um hábito estacionário já formado, a existência de forças que resistem à mudança é maior que as forças orientadas para a mudança. Se quisermos introduzir uma mudança, é necessário diminuir as resistências a estas mudanças e aumentar as idéias e pressões em favor da mudança (LEONARDO, 2009: 1-2).

Nesse sentido, podemos compreender que o trabalho do antigo SPI e da FUNAI, citados no capítulo anterior, foram de extrema importância para que as mudanças culturais ocorressem. É claro que muitos funcionários que atuavam nas terras indígenas buscavam o melhor para os povos indígenas, muitas vezes sem ter consciência do que estavam fazendo, muitas vezes por estarem seguindo princípios que regiam e regem o órgão estatal, ou até mesmo por uma formação profissional deficiente.

Há algum tempo, percebe-se, que a oferta de mercados voltada ao público indígena teve aumento considerável na cidade próxima à T.I. Rio das Cobras, Nova Laranjeiras. São comercializados produtos de segunda linha a preços elevados, havendo disputas entre os estabelecimentos, com a oferta de condução para a busca de clientes e entregas de compra. É nítido muitas vezes que não há um bom atendimento voltado a esse público, o desrespeito e o preconceito não sendo derrubados mesmo através do comércio.

2.1 FORMAS DE ALIMENTAÇÃO E MANEJO AGROFLORESTAL

Tabela 2: Alimentação Kaingang na T.I Rio das Cobras

Nome do alimento	Parte ingerida	Descrição
ẽmĩ	Semente	Feito a partir do milho posto de molho por um certo período sofre um leve processo de fermentação e triturado;
Fagsó		Uma espécie de fungo;
Fuá	Folhas e caules	Maria preta uma espécie de arbusto
Fág tó ga	Larva	Encontrado no pinheiro- <i>Araucária angustifolia</i> ;
Fẽnju	Larva	Larva encontrada na Palmeira
Gãr Tánh	Semente	O milho verde assado na espiga.
Gãr Ránrár	Semente	Milho verde ralado e cozido.
Grón –Grón	Larva	Larva grande, certa espécie de coleóptera;
Kamri		Espécie de fungo;
Kó (ti tánh)	Fruto	Planta epífita, mais conhecido como banana de mico ou imbê;
Kúfe	Semente	Feito a partir do milho que sofre um leve processo de fermentação;

Kumĩ	Folhas	Mandioca brava na qual as folhas são ingeridas;
Pẽnĩgru	Sementes	Semente tradicional uma espécie de feijão;
Mêm- Hu	Sementes	Feito a partir do milho triturado e torado;
Nár	Palmito	Varana, espécie de vegetal, que parte comestível um tipo de palmito;
Pri	Broto	Uma espécie de
Pyrfé	Folhas	Urtigão, São ingeridas as folhas do ápice da planta;
Péro Féj	Ponteira de planta abóbora	Folhas das ponteiros da abóbora;
Tãnh Tynyr	Fruto	Feito a partir do coquinho;
Tãnhjũn	Palmito	Retirados da palmeira Jussara;
Vuga	Larva de coleopetra	Larva encontrada na taquara;
Yoró	Folhas e caules	Um certo tipo de vegetal;

Fonte: tabela elaborada pelo autor (2019)

Pode-se dizer que a coleta é a fonte principal de alimentação do povo Kaingang, por incluir um variado cardápio, desde: fungos, larvas, plantas e inclusive plantas que possuem toxinas, mariscos, variados tipos de frutas e castanhas. Cada um com seu jeito de preparo e com formas desenvolvidas para extrair toxinas. É o caso de algumas plantas por eles consumidas, como na banana de mico ou *imbê* (*KÓ*), que é ingerida mesmo verde. Quando não preparada da forma correta, causa irritação na mucosa bucal em seus usuários. Também temos o exemplo da extração do ácido cianídrico, encontrado nas folhas da mandioca brava (*kumĩ*), sendo extraído através da trituração, lavagem e cozimento. É ingerida após um longo tempo de preparo, uma técnica de preparo desenvolvida pela cultura Kaingang. Os Kaingang entendem que não há desprezo por nenhuma planta, por mais tóxica que ela seja, assim como fala Becker:

Os Kaingang são descritos para os séculos XVI a XIX como coletores de espécies nativas, especialmente do pinhão, em torno do qual se estabelecia toda a sua organização. Em paralelo, são vistos como pequenos horticultores de milho, abóbora, feijão, amendoim, mandioca. Praticavam a caça e a pesca, mas não desprezavam qualquer outro recurso natural ao seu alcance (BECKER, 1991:109).

Na atualidade, percebe-se que muitas mudanças na forma de se alimentar aconteceram, porém há também a resistência, o que faz com que os Kaingang

continuem mantendo hábitos alimentares tradicionais de sua cultura. A alimentação diária não se baseia nos dias da semana, assim como o cardápio não-indígena. Por exemplo, para os não-indígenas, no domingo é que se come maionese, churrasco e outros variados pratos que não se comem diariamente. A alimentação Kaingang vai depender da época ou, para ser mais exato, da estação do ano, assim como fala Leite em sua pesquisa com os Wari:

[...]Pode haver, contudo, variações importantes segundo o domicílio e, obviamente, de um dia para o outro. Não se observam, contudo, flutuações ligadas a dias específicos da semana, como os fins de semana. Com relação aos itens alimentares consumidos, as principais fontes de variação são a época do ano, a escolha dos cultígenos a serem produzidos nas roças domiciliares e a frequência e o resultado das atividades de caça, pesca e coleta de alimentos silvestres. (LEITE, 2007: 78).

Outro exemplo é quando é época de “melar”. Nesta época, os Kaingang vão consumir mel. Quando for a época da colheita de milho, eles vão fazer o *Êmĩ*, (bolo, feito a partir da farinha do milho) o *Kúfe* (bebida, feito pelas mulheres Kaingang). A pesca é a algo que é realizado independente da época. Um dos motivos parece ser o fato de atualmente não ser raro encontrar açudes de criação de peixes nas terras indígenas⁵. Em algumas famílias, a pesca também pode ser vista como um treinamento para desenvolver a destreza e a atenção do guerreiro ou do caçador para o momento exato de soltar sua seta contra o alvo.

O acesso a outros tipos de alimentos, industrializados principalmente, vai depender do dia do mês. Dependendo da família, muitas vezes a venda de artesanato, os auxílios governamentais, aposentadorias e pensões faz com que produtos industrializados sejam incorporados na alimentação em maior quantidade.

Atualmente, em muitas residências visitadas se encontra o fogão a gás, mas normalmente o preparo das refeições são realizadas no fogo de chão dentro da casa de fogo, moradia separada da que a família dorme. Às vezes, a casa de fogo pode ser habitada por um ancião que possui o costume de dormir perto do fogo. Há casos em que o fogo de chão é feito dentro da moradia, em que a família dorme, quando esta é de chão batido.

Normalmente o fogo é feito no chão com o uso de uma *trempe*, uma grade de ferro com quatro pernas, como uma mesa, ou com tijolos com uma chapa de metal em cima. Ainda é encontrado o “gancho”, já descrito por outros autores, que é utilizado para pendurar utensílios para o preparo das refeições. Nem toda madeira é

⁵ A UFFS campus Laranjeiras do Sul desenvolve projetos de extensão e pesquisa na T.I Rio das Cobras junto ao curso de Engenharia de Aquicultura, que conta com estudantes indígenas, oriundos da própria terra indígena.

utilizada como lenha, e isso é ensinado desde criança, quando se vai para o mato “lenhar”. A mais procurada é a madeira da família dos angicos, o *káru mág* (ou monjoleiro, da mesma madeira de que é feito o monjolo⁶). Borba descreveu em 1909 que determinado grupo Kaingang em suas caçadas, utilizava apenas um tipo de madeira para acender suas fogueiras, a fim de ser reconhecido por outros do mesmo grupo.

No dia a dia as refeições não seguem o ciclo “desjejum, almoço e janta”, como na cultura não-indígena. Ou seja, não há horários fixos para comer. Nota-se a fixidez dos horários geralmente em famílias em que algum dos membros possui trabalho assalariado ou trabalha como diarista, e necessita de uma rotina programada. Os demais, que são artesãs/artesãos e agricultoras (es) ou extrativistas, se alimentam em outros horários.

Há relatos entre as mulheres de que há algum tempo, nas épocas de preparar o roçado tradicional, na qual é feita através de uma organização coletiva (ou *pichirum*, como é chamado). No desjejum era preparado o *Kúfe*, uma bebida produzida pelas mulheres na qual o milho sofre um processo de mastigação, para fermentar, o mesmo processo para fazer o cauim produzido pelos povos indígenas da Matriz Tupi. O *Kúfe* é feito com o *gãr pẽ*, ou “milho verdadeiro”, passando pela mastigação de jovens do sexo feminino, uma noite antes de ser servido, uma bebida muito nutritiva. Segundo a senhora *kórĩn kág⁷*: “minha mãe olhava nossos dentes, para ver se não tinha buracos, e não deixava nós tomar água fria, durante o preparo, somente água morna ou chimarrão, se não, não fica adocicado”. Hoje em dia, o trabalho coletivo é existente, mas no desjejum não se prepara mais o *Kúfe*, e sim o “virado de feijão com farinha de milho”.

A forma de alimentação familiar é coletiva, principalmente quando se trata dos alimentos tradicionais, como ao preparar o *ti kusir* ou forma tradicional de preparar a carne, essa podendo ser de ave ou outro mamífero, se não for carne de caça, a preferida é de suíno, ainda a casos de pessoas da TI, não ter o costume de ingerir a carne de gado. O *ti kusir* é preparado em fogo brando diretamente na brasa ou podendo ser em cima de uma grelha, não deixando por muito tempo a fim de não queimar. Para essa preparação se utiliza um *kapén* ou *kási*, espécie de pinça feita de taquaruçu, utilizado para mexer e pegar o pedaço a ser comido, podendo ser acompanhado de *Ēmĩ*, ou fubá *tótor* (fubá torrado, o mesmo com o qual se prepara ou pode ser preparada a farinha azeda), ou somente farinha de milho.

⁶ Máquina hidráulica rústica utilizada para moer grãos, acionado pelo força motora ou da água.

⁷ Os nomes dos participantes da pesquisa serão usados na língua materna.

Fotografia 3: Forma tradicional de alimentação, família comendo Tãnh Tynyr



Fonte: Luquinha Tavares (2019)

Pode-se notar que o feijão e a farinha de milho no dia-a-dia é algo sempre presente, se esta não estiver na mesa. É normal um convidado pedir a farinha de milho e banha, para misturar com feijão. Normalmente, o feijão que faz parte da alimentação do povo Kaingang não é o *Pěņĩgru* (que poderia ser traduzido como “do dedo do pé”), este sendo uma semente tradicional, produzido entre a primavera e o verão. O feijão que se consome no dia-a-dia é o feijão preto, este temperado somente com banha e sal. Às vezes é adicionado ao feijão algum outro ingrediente, como o *Nár*, uma espécie de palmito (varana, uma mono cotiledônea). O feijão *Pěņĩgru*, assim como o *gãr pé*, utilizado para fazer variadas comidas como o *Ĕmĩ*, o *Kúfe*, *mẽn-hu*. etc (encontrado com mais facilidade a partir de fevereiro). O *gãr pé* é mais utilizado para fazer as comidas tradicionais, bolos e outros pratos, por dar mais consistência e deixar mais doce, sem a necessidade de adicionar açúcar.

Durante as diferentes épocas do ano as comidas variam de acordo com as estações e manejo da terra. Não podemos dizer que os Kaingang são “dependentes da natureza”, ou ficam somente à espera, pois realizam uma forma de manejo agroecológico. Por exemplo, o *grón-grón* - uma espécie de larva de um certo tipo de coleóptera, encontrada na palmeira -, que só aparecerá após sofrer o estado de putrefação com a derrubada da palmeira. Outro exemplo é o *fuá* (ou “maria preta”) que nasce após a queimada da capoeira, ou o *pyr féj* (urtigão), entre outros, que se coletam após um processo realizado antropomorficamente e não somente

esperando a natureza. As queimadas, em épocas como as do final do inverno, contribuem para a germinação das sementes, com ação das cinzas e do calor, ao contrário do que descreve Leonardo:

A herança alimentar dos índios: estes viviam exclusivamente da caça, pesca e das raízes colhidas. **Conhecemos bem que a natureza do índio é preguiçosa, sem o trabalho de plantar aquilo que deseja colher. Daí uma alimentação mais centrada em raízes, e não na produção de hortaliças e outros vegetais da agricultura.** Os produtos bases da alimentação indígena eram: mandioca, inhame, milho verde, batata doce, banana da terra, brotos, preparados numa culinária de fogo de chão, ou seja, assados no fogo aceso ao chão (LEONARDO, 2009: 4. **Grifos meus**)

O que percebe-se com o trecho acima, é uma forma de pensar carregada de preconceito, ou um pensamento voltado somente para o conhecimento eurocêntrico, não compreendendo as diferenças culturais entre os povos, se pensarmos em hortaliças e agricultura, no caso da autora citada, agricultura convencional, demonstra o desconhecimento voltado à agricultura tradicional, como bem sabemos, a mandioca produzida pelos povos Tupis necessita de um manejo agroflorestal para sua produção, com a abertura de uma clareira. Assim como o milho, a alimentação dos Kaingang não é centrada em raízes. Mesmo com pouco trabalho braçal, o trabalho humano é sempre necessário para a produção do milho e da mandioca, por haver uma disputa entre as várias plantas existentes no ambiente, e normalmente é feita uma limpeza durante o período de crescimento, até se atingir a maturidade.

Os Kaingang da T.I Rio das Cobras ainda fazem o “roçado tradicional”, ou roçado itinerante, de forma rotacional, que é quando se muda de tempos em tempos de local e de terra. A roça itinerante ou roça tradicional é a forma de manejo mais utilizada na T.I. Rio das Cobras, mesmo com o crescimento da utilização de máquinas agrícolas e mecanização da terra. No entanto, ao ser desconsiderada por alguns clãs que habitam a T.I, outros moradores fazem críticas relevantes, demonstrando muito conhecimento e não escondendo o desprezo por parentes que se utilizam do agronegócio, alegando, como seu João: “isso é para preguiçosos que não sabem trabalhar”.

2.2 SEMENTES TRADICIONAIS E FORMAS DE COLETA

O milho tem uma grande importância na cultura Kaingang, sendo o centro da alimentação deste povo. O milho é produzido em geral de forma agroecológica, em

roçados itinerantes. Nesse caso, a roça é feita após a escolha de uma capoeira, ou como falam, “taquaral”, ou ainda, como um senhor entrevistado com o nome Pã’i, “onde dá melhor o milho”. O *gãr pé* é consumido de várias formas, deixando-se o milho de molho na água por alguns dias e triturando-o. Faz-se, então, uma farinha grossa molhada, podendo ser comida de várias formas. Pode-se torrar ou fazer um certo tipo de bolo, o *Ēmĩ*, que é assado na cinza, podendo ser guardado por vários dias para o consumo. O “bolo de cinza” é um alimento de importância e muito consumido. Durante as épocas que as longas viagens eram realizadas entre seus territórios, essa era a base de sua alimentação. Borba descreve como era feito o roçado e o plantio naquele tempo:

Para fazerem suas roças, escolhem mattas pouco frondosas, quebram com cacetes os mattos miúdos, depois de secco este, põem-lhes fogo e está prompta a roça. As mulheres são que fazem as plantações; servem se, para este fim, de cavadeiras de pao, para fazer as covas, onde depositam a semente, depois de passá-la pela boca para humidece-la. Não costumam fazer depósitos de seos mantimentos; quando precisam vão tirá-lo das roças. Do milho verde e também do secco, fazem uns grandes bolos (emin), assados na cinza envolvidos em folhas de caete, conservam-se por muitos dias, e geralmente a alimentação que carregam em suas excursões e caçadas (BORBA, 1908:16).

Uma mudança ocorrida foi em relação à forma de plantio, que hoje utiliza matraca, uma espécie de plantadeira manual, onde se coloca a semente. Em conversa com Fág Tánh, morador da aldeia Sede, ele contou sobre como isso era feito antes: “em épocas atrás, quando eu era criança meu avô plantava com cravadeira. Demorava muito tempo para se plantar todo o roçado, o trabalho era mais lento, entorno de uma semana para plantar uma quarta”. Em outra conversa com senhor Pã’í, ele falou sobre a variedade de milho em outros tempos: “quando eu era mais jovem existia mais tipos de milho que eram mais bonitos, de outras cores, tinha vermelho, tinha um verde, e outras cores. Se eu soubesse teria guardado”. Atualmente ainda existem algumas variedades encontradas. O *gãr pe* é composto de várias cores na espiga, branco roxo, cor de vinho, lilás; já o *krág tỹ gãr*, as sementes na espiga são pretas, puxando para o roxo escuro; e o *gãr nĩ*, que tem as sementes amarelas.

O pinhão, semente da *Araucária Angustifólia*, pode-se dizer que foi um dos principais alimentos do povo Kaingang. Segundo alguns autores, o centro da alimentação Kaingang durante algumas épocas do ano. Com ele são feitos variados pratos, até mesmo uma bebida fermentada, o *kiki*. Becker, descrevendo como é uma

das formas de extração dessa semente pelo povo Kaingang do Rio Grande do Sul, diz:

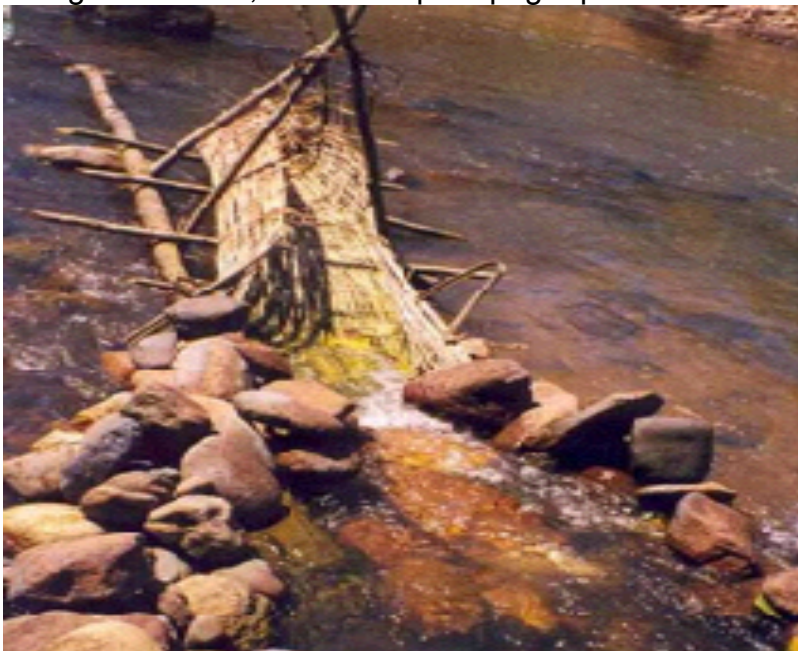
[...] Para a coleta como tal, os índios escalavam o pinheiro com um laço de cipó, em volta dos pés e das costas, e um outro ao redor da árvore, podendo assim fazer resistência ao tronco da mesma. Por movimentos alternados faziam escalada da árvore como quem sobe uma escada, levando consigo uma taquara para alcançar as pinhas. Estas ou frutos caídos ao chão, eram recolhidos pelas mulheres que enchiam cestas de taquara feitas por elas para esse fim e levadas às costas para o lugar onde os pinhões recebiam os cuidados necessários [...] (BECKER, 1991: 112).

Essas é uma das diferenças que se percebem entre os Kaingang estudados pela autora e o povo Kaingang da T.I. Rio das Cobras. Os últimos se utilizam de outra forma para a coleta: em torno do tronco é colocado quatro varas em pé, essas amarradas com taquara (diga-se, uma fibra muito resistente e muito utilizada pelos mesmos) em volta e encostadas no tronco, desde mais ou menos 40 cm acima do solo até os primeiros galhos, a cerca de 20 metros de altura, de forma a facilitar a escalada. Com uma taquara longa, as pinhas são derrubadas. Uma outra forma também é utilizada para a coleta, quando o pinheiro se encontra perto de outras árvores. Estas são escalas chegando-se até a copa do pinheiro. Quando o pinheiro está um pouco distante das árvores, por exemplo uns 3 metros, se utiliza de um galho em forma de gancho para chegar até a copa do pinheiro, assim se utilizando de uma taquara para derrubar as pinhas, estas que surgem na ponta dos galhos normalmente de 5 a 8 metros distantes do caule. Um morador antigo TI, que venho de outra TI, essa sendo Marrecas situada no município de Turvo. Seu Gerardo nos conta que: “quando eu era jovem eu usava a espora⁸ para trepar no pinheiro”. Marrecas, junto com Mangueirinha, é uma T.I na qual se encontra umas das maiores florestas de araucária preservadas.

A pesca e a ingestão de peixes são muito comuns, a captura ocorre com o, *pãri*, *Jêmĩgmĩ* e arco e flecha. Uma espécie de planta rasteira era utilizada para envenenar. Hoje sabe-se de sua existência, mas não se utiliza mais. O *pãri* normalmente é feito nos meses de poucas chuvas, quando o nível das águas dos rios está bem baixo. É feita nas corredeiras uma espécie de barragem que vai afunilando, em sua desembocadura é posto uma esteira de taquara trançada no formato cônico, com uma extremidade levantada acima da superfície da água, e outra extremidade abaixo do nível da água.

⁸ Dois pequenos ganchos entortados para baixo, colocado nas laterais da parte interna dos pés.

Fotografia 4: Pari, armadilha para pegar peixes.



Fonte: Kimiye Tommasino (1999)

Jēmĩgmĩ (apalpar) é uma forma tradicional de pegar peixes embaixo de pedras. Normalmente se realiza para pegar um pequeno peixe, o “cascudo de unha”, como é chamado. Como os Kaingang costumam dizer, “se pega na toca” variados peixes. Constatou-se que a forma mais apreciada é o peixe cozido, somente com água e sal, servido com algum tipo de acompanhamento.

O arco e flecha normalmente é utilizado à noite para flechar os peixes que estão em estado de sonolência, fisgados com a destreza de um bom arqueiro, que nos remete a séculos atrás.

No início do século XX, Borba descreve os Kaingang e sua alimentação baseada na caça, na coleta e na pesca. Inclusive alguns animais descritos por ele não sendo hoje comestíveis. A carne de caça pode ser de variados tipos de animais. Eles são abatidos com mais frequência em épocas como a do amadurecimento do roçado e colheita. A espingarda ou o *pito* (armadilha) são muito utilizados para os mamíferos, tais como: tatu, quati, porco do mato (queixada, cateto); algumas espécies de veado, como o kambuta e outras de menor porte. Para as aves, se utiliza o laço. Dependendo do porte e da força da ave, se utiliza um laço maior ou menor.

Porém, alguns animais já não são mais encontrados na T.I Um exemplo é a anta, que em épocas passadas era muita apreciada. Em conversa com um antigo caçador, senhor *Pri kág*, ele contou que tempos atrás “muitos caçadores não indígenas e sem autorização vinham aqui para caçar, com espingardas”. Podemos

perceber que até mesmo hoje isso acontece. Caçadores portando espingardas de grosso calibre e cães de caça adentram as terras indígenas para caçar. O que atrapalha também é o barulho dos caminhões no asfalto, na estrada que circunda a T.I. O tráfego de caminhões portando cargas pesadas tem aumentado bastante e isso faz com que espante os animais silvestres. Segundo o mesmo morador, isso acontece por não se ter uma fiscalização adequada. Segundo ele, isso pode ter afugentado inclusive os animais de grande porte. As carnes mais consumidas hoje são as de ave e suínos, oriundas de várias procedências, criação própria ou adquiridas fora da T.I.

As variedades de mel são muitas. O mel da abelha africana normalmente é retirado da forma tradicional. Se estiver no tronco com fácil acesso, é feita uma fogueira no lugar e escolhida a melhor lenha para fazer fumaça e atordoar as abelhas, que são muito agressivas. A coleta do mel na natureza é também uma forma de controle dessa espécie, que é considerada “invasora”, trazida pelos europeus no começo da ocupação do território. No entanto, há também uma grande variedade de espécies nativas, abelhas com e sem ferrão que produzem mel, tais como: *Tĩ*, *kusé*, *Ró*, *Sug me*, entre outras.

2.3 “ALIMENTO” ENTRE OS KAINGANG

O povo Kaingang é muito hospitaleiro, buscando sempre deixar à vontade suas visitas. Uma das primeiras coisas a fazer é oferecer “algo pra comer”, assim como já descreveu Borba sobre épocas passadas:

São muito francos do que teem em seos ranchos; quando alguém chega a eles, a primeira cousa que fazem é perguntar se tem fome; nos dias de abundancia nem isso fazem; sem nada a dizer, vão pondo deante da pessoa a comida dizendo -coma (acó) ; nunca negam a comida que se lhes pede; do pouco que teem comem juntos (BORBA, 1908: 14)

Com o povo Kaingang observado não é diferente, na chegada de um visitante a primeira coisa é acender o fogo para preparar ou aquecer a comida, que muitas vezes já está preparada. Através da tese de Philippe Hanna de Almeida Oliveira (2009), em que ele discute a diferença entre alimento e comida entre os Kaingang, pode-se analisar que alimento seria algo mais voltado à parte fisiológica do ser humano, a reposição de nutrientes e vitaminas. Já a comida seria mais voltada ao paladar, ou à satisfação de estar ingerindo algo diferente ou que nos atrai mais:

Enquanto a “comida” é relacionada às noções de corpo e paladar como culturalmente formados, o “alimento” remete a um corpo estritamente biológico, definido pela satisfação de suas necessidades fisiológicas. Outra distinção refere-se aos aspectos sociais e culturais da “refeição”, a qual se difere substancialmente do simples ato de alimentar-se (OLIVEIRA, 2009: 3)

No caso do povo Kaingang com o qual se desenvolveu esta pesquisa, o observado foi que toda comida realizada é feita em coletivo, desde seu preparo até seu consumo. A partir do caldo produzido pelo cozimento de uma carne de ave ou mamífero, sem adição de temperos, faz-se o *en kór*, onde se acrescenta farinha de milho com a sopa da carne, formando uma espécie de mingau. Este prato é oferecido a uma pessoa que esteja de chegada, ou a uma pessoa que se queira agradar no momento. Este é um momento-espço de agregação. A mesa (na sociedade ocidental) é também um espaço onde se demonstram as diferenças e se expressa hierarquia, conforme aponta Oliveira (2009). No caso do povo Kaingang isso não se demonstra, é um espaço no qual as diferenças são colocadas de lado.

Isso demonstra como, para os povos indígenas, comida, sociedade e processos de saúde/doença estão estritamente relacionados. Além disso, a comida permeia outros aspectos das sociedades ameríndias, como a socialidade, reciprocidade e ocasiões festivas, as quais são fortemente relacionadas ao compartilhar e à produção da comida (OLIVEIRA, 2009: 12)

O preparo da alimentação normalmente fica a cargo das mulheres, não que o sexo oposto não o faça. No momento em que a família se reúne envolta da fogueira, como observado, costuma-se falar do dia a dia, normalmente das questões que envolvem a comunidade; falam como foi seu dia, fazem brincadeiras, demonstram jocosidade uns com os outros, falam de como era no passado, aconselham os mais jovens. Caso durante o preparo de uma comida chegar mais visitas, fica a cargo de quem preparou servir a refeição para todos.

Observamos que há muitos alimentos que hoje em dia são preparados e comidos da mesma forma que épocas atrás, por pais e avós dos entrevistados. Em uma das conversas com Kág, um homem com cerca de 40 anos, ele comentou: “se formos ver bem, não precisamos comprar alimentos para nos manter, o mais necessitado é o sal, porque muitas coisas podemos retirar do mato”. Mas alguns alimentos e bebidas não são mais preparados, ou são preparados pouco pelos entrevistados, um deles é o *Kúfe*. Presenciamos uma jovem realizando o preparo, que estava aprendendo com sua tia, na casa de Pãí. O *goj fág* por exemplo, é umas das bebidas que não se prepara mais, feito a partir da torrefação do milho, triturado

e colocado em água morna, deixado de molho por um certo período para a fermentação.

Assim, a observação constatou que o povo Kaingang da T.I Rio das Cobras, apesar de muitas imposições e restrições alimentares, segue significando suas vidas e sua cultura a partir da experiência da alimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de várias observações, podemos constatar que houve algumas mudanças na alimentação do povo indígena Kaingang da T.I. Rio das Cobras, o que é o esperado quando duas culturas diferentes entram em contato. Podemos constatar alguns casos de obesidade entre crianças de até 10 anos de idade, isso devido a uma má alimentação ou uma alimentação sobrecarregada de produtos industrializados. No entanto, não é um caso alarmante, pois acontece com uma minoria de famílias, normalmente com filhos de pessoas que desenvolvem algum tipo de trabalho assalariado dentro ou fora da comunidade.

Uma parte da comida industrializada se obtém também da rodovia federal que corta a T.I., quando ocorre o tombamento de caminhões carregando comidas e variados tipos de objetos, por exemplo: caminhões de câmara fria, de animais vivos e de outros tipos de comidas industrializadas. Esses acabam muitas vezes sendo doados para os indígenas, o que contribui para o consumo de produtos de fora da T.I.

Em conversas sobre o assunto, ouviu-se muito dizer *venjen koré* (comida feia ou comida ruim), um modo de se referir a alimentação tradicional pelos moradores da T.I. Muitas vezes por vergonha. Entendemos que há ainda muito preconceito contra o modo de vida indígena, que é incorporado pelos próprios indígenas. Não que hoje o preconceito contra culturas diferentes não exista. Só podemos afirmar que isso pode trazer consequências graves para a juventude que está por vir, trazendo até mesmo o esquecimento do modo tradicional de se alimentar.

No trabalho desenvolvido houve bastante participação de pessoas mais velhas que contribuíram muito para compreensão de como alimentação indígena era farta em épocas passadas, ou no “tempo antigo”, como também apontou o trabalho de Oliveira (2009). As dificuldades aconteceram quando fizemos as entrevistas, pois muitos não estavam acostumados a responder perguntas dessa forma. Muitas vezes se ouviu: “mas pergunte para tal pessoa, ele sabe bastante coisa”, e quase sempre era uma pessoa mais velha, ou seja, era a pessoa com quem a pessoa tinha aprendido. Mas o foco da pesquisa também era a juventude, na tentativa de compreender como a cultura alimentar se situa agora. Não se teve muito êxito em gravar as conversas, pois acabou gerando um pouco de constrangimento para os entrevistados. Então as conversas informais e em situação cotidiana foram mais proveitosas.

Mesmo sendo indígena Kaingang, minha criação se deu nos moldes da cultura não indígena, então eu não tinha muito conhecimento sobre os alimentos Kaingang, grande parte dos alimentos encontrados na tabela 2 vim a conhecer através da pesquisa de campo. Este é um assunto de grande interesse, como estudante e principalmente como indígena.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, C. S; NÖTZOLD, A. L. V. Como “civilizar” o índio?! O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e a integração dos **Kaingang** no sul do Brasil: o Posto Indígena Xapecó (SC) entre práticas de desenvolvimento e controle social, **XXVII simpósio Nacional de história: conhecimento histórico e diálogo social**- Natal – RN 22 a 26 de julho.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas no Paraná provincial: **1853-1870**.Curitiba: Imprensa Oficial, 2007, 585 pg.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas no Paraná provincial: **1870-1892**.Curitiba, 2009, 573 pg.

BECKER, Ítala Irene Basile. Alimentação dos índios kaingáng do Rio Grande do Sul. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 106-118, dez. 1991. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/index.php/SAB/article/view/85>>. Acesso em:10 out. 2019

BORBA, Telêmaco. 1908. **Actualidade Indígena** (Paraná, Brazil). Curitiba: Imprensa Paranaense. Disponível em < http://biblio.etnolinguistica.org/borba_1908_actualidade > acessado em 10/ out 2019.

FERNANDES, R.C; PIOVEZANA, L. Perspectivas kaingang sobre o direito territorial e Ambiental no sul do Brasil, **Rev. Ambiente e Sociedade**. São Paulo v.XVIII, n.2, pg. 115-132, 2015.

FRANCISCO, Aline Ramos. Kaingáng: uma história das interações entre nativos e ocidentais durante a conquista e a colonização no sul do Planalto Meridional. Porto Alegre: PUC-RS, 2013. (Doutorado em história)

FURTADO, Indiomar W. O passado, presente e a manutenção da cultura alimentar do povo Kaingangue para contribuição na constituição de um currículo voltado a educação escolar indígena e do campo. Resumo expandido apresentado no III Seminário internacional de educação do campo e III Fórum de educação do Campo da Região Norte do Rio Grande do Sul: Resistência e emancipação Social e Humana, 2016.

GERHARDT, M. História Ambiental da erva mata. **Tese de doutorado /orientadora, Eunice Suel Nodadri; Co-orientador, João Klug. – Florianópolis, SC, 2013.**

LEONARDO, M. Antropologia da alimentação. **Revista Antropos – Volume 3, Ano 2, Dezembro de 2009 ISSN 1982-1050**

MOTA, L.T. **As guerras dos índios Kaingang no Paraná: A história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 – 1924)**. Maringá: ed. EDUEM,1994, 275 pg.

MOTA, L.T. A passagem e a presença dos Jê Meridionais por São Paulo e Paraná: uma reflexão etno-histórica. **R. Museu Arq. Etn., 27: 135-157, 2016**

NOVA, E.S; MOTA, L.T. A política indígena e os territórios no Paraná (1900-1950) trabalho apresentado no XVIII Simpósio Nacional de História, org. pela ANPUH, nos dias 27 a 31 de julho de 2015, em Florianópolis, SC. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, MS. v.18, n. 32p. 76-97, 2016

OLIVEIRA, Humberto de. **Coletânea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

OLIVEIRA, Philippe Hanna de Almeida. **Comida forte e comida fraca: alimentação e fabricação dos corpos entre os Kaingang da terra indígena Xaçecó (Santa Catarina, Brasil)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, A.M.M **O terror e o tigre: Peru, Chile e as reformas agrárias na América Latina**. Rio de Janeiro: FASE. Programa de Investigação E Comunicação, 1994. 204 p.

SCHADEN, E. A origem dos homens, o dilúvio e outros mitos Kaingang. **Revista de Antropologia v. 1, n. 2, p. 139-141, 1953.**

STECA.L. C. **História do Paraná: do século XV a década de 1950**. 2ª ed. Londrina: Ed. UEL, 2008.

TOMMASINO, K. Reflexões sobre a territorialidade Kaingang e a importância da inter-trans-disciplinaridade. **R. Museu Arq. Etn.**, 27: 121-134, 2016.

TOMMASINO, K; Almeida, L. K. Territórios e territorialidades Kaingang: a reinvenção dos espaços e das formas de sobrevivência após a conquista. **Dossiê – Estudos Sobre As Sociedades Jê (Kaingang E Xokleng) no Sul do Brasil**, v19 n°2 p.18, 2016.

WIESEMANN, U.G. **Kaingang – Português Dicionário bilíngue** Curitiba, ed. Evangélica Esperança, 2002.

Sites visitados:

Portal Kaingang: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>> acessado em: 10 novembro de 2019.

ANEXOS

Anexo I: Da origem do povo Kaingang.

II

LENDAS OU MYTHOS DOS INDIOS
CAINGANGUES

4

Em tempos idos, houve uma grande inundaçãõ que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra *Crinjimbé* emergia das agoas.

Silvino

Os *Caingangues*, *Cayurucrés* e *Camés* nadavam em direcção a ella levando na bocca achas de lenha incendidas. Os *Cayurucrés* e *Camés* cançados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra. Os *Caingangues* e alguns poucos *Curutons*, alcançaram a custo o cume de *Crinjimbé*, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das arvores; e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer; já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a á agoa que se retirava lentamente.

Gritaram eiles ás saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando tambem o canto e convidando os patos a auxiliá-las; em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os *Caingangues* que esta-

vam em terra; os que estavam seguros aos galhos das arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram, com seu trabalho, do lado donde o sol nasce; por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immediações de *Crinjimbé*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pelo interior della; depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas: pela aberta por *Cayurucré*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras; dahi vem terem elles conservado os pés pequenos; outro tanto não aconteceu a *Camé*, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, e os seus, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sede, tiveram de pedil-a a *Cayurucré* que consentio que a bebessem quanto necessitassem.

Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado em baixo; estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *Caingangues*: por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior á sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *ming*, e disseram a elles:—vão comer gente e caça—; e os tigres foram-se, rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com a cinza fizeram as antas, *oyoro*, e disseram:—vão comer caça—; estas, porem, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem; perguntaram de novo o que deviam fazer; *Cayurucré*, que já fazia outro animal, disse-lhes gritando e com mau modo:—vão comer

ming.

anta

folha e ramos de arvore —; desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão porque as antas só comem folhas, ramos de arvore e fructas.

Tamam-
duá.

Cayurucrê estava fazendo outro animal; faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz-lhe ás pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe:—Você, como não tem dente, viva comendo formiga—; eis o motivo porque o Tamandoá, *Ioty*, é um animal inacabado e imperfecto.

abelhas

Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucrê* fazia estes animaes, *Camé* fazia outros para os combater; fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluido este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*; viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucrê* disse a um dos de *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e morressem. Assim o fez o de *Camé*; mas, dos tigres, uns cahiram á agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas; o de *Camé* quiz atiral-os de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças.

Cazaram primeiro os *Cayurucrês* com as filhas dos *Camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-os com as filhas dos *Caingangues*.

Dahi vem que, *Cayurucrês*, *Camés* e *Caingangues* são parentes a amigos.


— 23 —

2

NHARA

Meos antepassados alimentavam-se de fructos e mel; quando estes faltavam, soffriam fome. Um velho de cabelos brancos, de nome *Nhara*, ficou com dó delles; um dia disse a seos filhos e genros que, com cacetes, fizessem uma roçada nos taquaraes e a queimassem. Feito isto, disse aos filhos que o conduzissem ao meio da roçada; alli conduzido, sentou-se e disse aos filhos e genros: — Tragam cipós grossos. — E tendo estes lh'os trazido, disse o velho: — Agora vocês amarrarem os cipós a meo pescço, arrastem-me pela roça em todas as direcções; quando eu estiver morto, enterrem-me no centro della e vão para os mattos por espaço de tres luas. Quando vocês voltarem, passado esse tempo, acharão a roça coberta de fructos que, plantados todos os annos, livrarão vocês da fome. — Elles principiaram a chorar, dizendo que tal não fariam; mas, o velho lhes disse: — O que ordeno é para bem de vocês; se não fizerem o que mando, viverão soffrendo e muitos morrerão de fome. «E, de mais, eu já estou velho e cansado de viver.» Então, com muito choro e grita, fizeram o que o velho mandou e foram para o matto comer fructas. Passadas as tres luas, voltaram e encontraram a roça coberta de uma planta com espigas, que é o milho, feijão grande e morangos. Quando a roça esteve madura, chamaram todos os parentes e repartiram com elles as sementes. E' por esta razão que temos o costume de plantar nossas roças e irmos comer fructas e caçar por tres ou quatro luas. O milho é nosso, aqui da nossa terra; não foram os brancos que o trouxeram da terra delles. Demos ao milho o nome de *Nhara* em lembrança do velho que tinha este nome, e que, com o seo sacrificio, o produzio.

ANEXO III – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS
PARA O TCC

	<p align="center">UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMPUS LARANJEIRAS DOS SUL</p> <p align="center">Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: CSH – Licenciatura</p> <p align="center">Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso: O POVO KAINGANG E A DINÂMICA DE SUA CULTURA ALIMENTAR: UM ESTUDO NA TERRA INDÍGENA DE RIO DAS COBRAS-PR Indiomar José Wollinger Furtado</p>
---	---

Nome completo: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Sexo: () M () F

- (1) Você come as comidas típicas Kaingang? Quais você conhece?
- (2) Quais são seus alimentos típicos preferidos? Cite pelo menos três.
- (3) Você sabe como preparar as comidas?
- (4) Você costuma fazer *ti kujiri*? Com frequência você come?
 - (a) No começo do mês;
 - (b) Todo dia;
 - (c) Entre 1 e 3 vezes por semana;
 - (d) Entre 3 e 5 vezes por semana;
 - (e) No final do mês;
- (5) Você e sua família fazem roçado? O que costumam plantar?
- (6) Você sabe fazer *Kufe* e costuma fazer?
- (7) Você costuma comer mel? você conhece as variedades de mel?
- (8) Qual dessas comidas você costuma comer normalmente:

- | | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Émi | <input type="checkbox"/> Kufe | <input type="checkbox"/> Péro Féj |
| <input type="checkbox"/> Fasó | <input type="checkbox"/> Kumi | <input type="checkbox"/> Tãnh Tynyry |
| <input type="checkbox"/> Fua; | <input type="checkbox"/> Péni gru | <input type="checkbox"/> Tãnhyn |
| <input type="checkbox"/> Grón Grón | <input type="checkbox"/> Men-hu | <input type="checkbox"/> Vuga |
| <input type="checkbox"/> Kamri | <input type="checkbox"/> Nár | <input type="checkbox"/> Yoró |
| <input type="checkbox"/> kó (ti tánh) | <input type="checkbox"/> Pyrfé | |

(9) Você ou algum parente próximo costuma caçar ou pescar? Quais as ferramentas que utiliza?